

GT-02 - Urbanidades: Identidades, modos de vida, conflitos urbanos e violências

Coordenação: Maria Cristina Dadalto, Sandra Costa e Vinícius Lorde (IFES/Guarapari)

“É PURO FOGO!”: EMOÇÃO, HIERARQUIA E INDIVIDUALISMO NO PENTECOSTALISMO RETETÉ

Réia Sílvia Gonçalves Pereira¹

1.0 Introdução

São 19 horas de um domingo de fevereiro de 2014 no templo pentecostal Herdeiros do Sião, localizado em São Pedro, bairro da periferia² de Vitória, Capital do Espírito Santo. Neste momento, em um dos rituais de “avivamento”, nos quais, segundo os crentes, são manifestados os dons do Espírito Santo, os fieis cantam, dançam, riem e choram. Tal dramaticidade, que demonstra o caráter emocional da experiência, é chamada de “reteté” por alguns integrantes .

A descrição acima não é aleatória. Refere-se à vivência de campo realizada para dissertação de mestrado defendida em agosto de 2014. Neste texto, trago uma adaptação do trabalho, na qual apresento a etnografia sobre os rituais pentecostais praticados na Igreja Herdeiros do Sião. A observação participante foi realizada entre dezembro e fevereiro de 2014. No período, morei no bairro e participei de uma “campanha de libertação”, ou seja, celebrações semanais realizadas durante sete semanas seguidas. Como dito, optei por inserir-me nos rituais de apenas uma igreja.

Acredito que essa estratégia revelou-se positiva por ter possibilitado uma significativa proximidade com os fieis. Neste texto argumento que as práticas religiosas dessa expressão do pentecostalismo remetem a uma ambigüidade entre valores hierárquicos e individualistas (Dumont, 1985).

¹ Mestre em Ciências Sociais, UFES: pereirasilvia015@gmail.com

² Uso o termo periferia

2.0 "Não adianta levantar contra os ungidos"³: sobre o pentecostalismo

Ao iniciar este trabalho com uma pequena descrição dos rituais da Herdeiros do Sião, classifiquei a igreja como "pentecostal". Tal qualificação implica em reconhecer que as práticas religiosas da denominação apresentam características de um movimento específico do cristianismo. O pentecostalismo, em palavras bem simples, pode ser resumido como o culto ao Espírito Santo. O próprio termo é derivado de "Pentecostes", que segundo o livro de Atos, presente na Bíblia, refere-se ao dia em que os cristãos receberam pela primeira vez o Espírito Santo, que, após descer dos céus em forma de "línguas de fogo", resultou numa experiência de forte exaltação emocional. O ápice da experiência foi quando os presentes puderam compreender e falar a mensagem cristã em diversos idiomas.

Pregando a atualidade da experiência de Pentecostes, a celebração do êxtase pentecostal define-se hoje como um modelo de cristianismo, no qual os crentes devem buscar o contato com o Espírito Santo como sinal de encontro com a divindade (ALBANO, 2010).

Os crentes são ensinados que devem buscar continuamente encher-se com o Espírito Santo, falar em línguas e pregar o Evangelho. Pretendem atingir a todos com sua experiência espiritual dinâmica: mulheres, jovens, velhos, pobres e ricos. (...) O pentecostalismo desconsidera o caráter simbólico das línguas e prefere compreendê-lo como sinal, ou evidência física do que chamam "batismo no Espírito Santo". Este é considerado uma capacitação de poder para os cristãos testemunharem a sua fé (ALBANO, 2010, p. 10).

Ricardo Mariano (2005) também sintetiza o cerne da teologia pentecostal:

[...] O pentecostalismo, herdeiro e descendente do metodismo wesleyano e do movimento *holiness*, distingue-se do protestantismo, *grosso modo*, por pregar, baseado em Atos 2, a contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, dos quais sobressaem os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos. [...] acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos,

³ Trecho da música "Não toque no ungido" de DAMARES

concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade (MARIANO, 2005, p. 10).

Intrigada, questioneei alguns membros de denominações pentecostais sobre a experiência com Espírito Santo. Palavras como “sobrenatural”, “leveza” e “paz” foram constantes na maioria dos depoimentos. Transcrevo abaixo trechos de duas entrevistas, ambas realizadas em outubro de 2013. Vejamos:

É uma coisa sobrenatural, a gente só sente. Sabe quando você recebe uma notícia boa? É uma libertação, uma coisa gostosa, parece que a gente vai flutuar (informação verbal)⁴

O pastor Valdir relata uma experiência semelhante:

“É divino, sobrenatural. Vem do céu pra vida do homem. Vêm sobre sua alma. As pessoas que não conhecem acham que é uma loucura, mas quem conhece sabe o que é.[...] dá uma paz[...] Eu falo em línguas. Sou batizado no fogo sim. É uma língua divina. O homem não entende. Mas às vezes Deus usa uma pessoa pra falar e outra pra interpretar. Interpretar. Porque é uma língua divina” (informação verbal)⁵

Fica evidente nos depoimentos o caráter sensorial da experiência. Tais traços estão presentes no pentecostalismo desde sua origem ainda no seio do metodismo norte-americano do século XIX (PASSOS 2012). O movimento teria nascido em resposta ao racionalismo das igrejas protestantes históricas.

Já da metade para o final do século XIX, o otimismo esfriou e “a guerra civil (1861-1865), o problema da escravidão e do racismo e outras questões sociais perturbadoras proporcionaram o florescimento de teologias escapistas.” (ORO 1996: p. 68). A religiosidade secularizada e confiante do protestantismo dito liberal e pós-pé-milenarista começa a perder espaço para movimentos que buscavam um “reavivamento” espiritual e uma religiosidade mais espiritualizada e individualista. O otimismo em relação ao sonho do reino milenar no Novo Mundo começava a ruir (PASSOS, 2012, p.264).

De acordo com Pommerening (2008), movimentos cristãos de caráter emocional surgiram em várias regiões dos Estados Unidos no final do século XIX. Mas o marco

⁴ 19 Entrevista realizada com Karina integrante da Igreja Batista em outubro de 2013.

⁵ Entrevista realizada com Valdir, pastor da Assembléia de Deus em outubro de 2013

inicial do pentecostalismo contemporâneo é o que ficou conhecido como avivamento da Rua Azuza, liderado pelo pastor negro Willian Seymour. Expulso da igreja do Nazareno, a qual professava, devido à eloquência de suas pregações, Seymour passou a comandar enormes cultos em um prédio alugado na Rua Azuza, em Los Angeles. Tal prédio passou a se chamar “Missão Evangélica da Fé Apostólica”, atraindo milhares de pessoas e ampliando o movimento para outras regiões do país. Em 1913, um grupo dos Estados Sulistas buscou unificar o movimento. Estava criada a Igreja de Deus em Cristo, com 352 filiados (CURTZ, 2003).

Autores como Siepierski (1997), Mendonça (2002) e Oro (1996) associam o surgimento do pentecostalismo a outro movimento que lhe foi contemporâneo, o fundamentalismo cristão. Tal movimento recusava a possibilidade de relativismo valores e apresentava uma postura fortemente contrária ao cientificismo e ao racionalismo:

O movimento social religioso no seio do protestantismo que tem sua gênese num contexto de acentuadas contradições sociais, por conseguinte, de falta de plausibilidade e de relativismo de valores”, que se caracteriza também por uma postura exclusivista e, conseqüentemente, oposicionista em relação a tudo o que não coadune com seus conceitos de verdade. Além disso, “dois traços marcaram visivelmente o fundamentalismo fundante: o caráter de oposicionismo e o milenarismo (ORO 1996, p. 66).

Há que se ter cuidado ao se aproximar o fundamentalismo cristão do pentecostalismo. Embora tenham surgido no mesmo contexto, em contraposição ao racionalismo do protestantismo histórico norte-americano, são movimentos distintos. No entanto, estudiosos da gênese pentecostal destacam que o fundamentalismo forneceu ao pentecostalismo nascente um corpo doutrinário.

O movimento pentecostal não tinha um corpo de doutrinas próprio, além da afirmação do batismo com o Espírito Santo, associado com o dom de línguas. Esse vazio de doutrina os pentecostais procuraram preenchê-lo adotando o conjunto de dogmas fundamentalistas (BAPTISTA, 2002, p. 26). Em síntese, sobre as igrejas pentecostais, podemos destacar, além da ênfase à experiência com o Espírito Santo, seu caráter dogmático:

A teologia pentecostal no Brasil, representada pela Assembleia de Deus, ainda está em processo de construção. Destaca a

pessoa do Espírito Santo, o batismo do Espírito Santo e a atualidade dos dons do Espírito, assim como a santificação e vinda de Jesus. A teologia pentecostal possui um aspecto dinâmico pela sua abertura à experiência do Espírito e, a certos aspectos religiosos da Cultura brasileira, por outro lado é de natureza dogmática e fundamentalista. Priorizando uma leitura da Bíblia de caráter literalista (ALBANO, 2010, p. 03).

No Brasil a chegada do pentecostalismo quase que coincide com sua instituição nos Estados Unidos. Já nas primeiras décadas do século XX chegam ao Pará pastores da Assembleia de Deus. Pommerening (2008) aponta para o caráter não institucionalizado do início do movimento no Brasil.

Além de seu caráter emocional, as primeiras manifestações pentecostais no Brasil, representadas principalmente pela Assembleia de Deus, tinham um forte componente pré-milenarista. Pregavam o retorno iminente de Jesus Cristo e o juízo final, quando os seres humanos seriam julgados por seus pecados.

Essa crença no apocalipse possibilitou uma postura isolacionista dos primeiros crentes. Buscando apartar-se da vida mundana, desenvolveram um rígido código de condutas e ascese, ou seja, todo aparato pentecostal de observância de regras dos usos e costumes, tanto na espiritualidade quanto na vida pessoal.

As implicações da concepção pré- milenarista no comportamento pentecostal são demasiadamente conhecidas. Podemos lembrar o afastamento das questões sociais, o desprezo pelos prazeres mundanos, o cultivo da sobriedade e da temperança, entre outras. A expectativa do iminente retorno de Cristo (...) funcionava como instrumento regulador do comportamento, uma vez que quem fosse encontrado em pecado quando da vinda de Cristo não participaria em seu reino milenar (SIEPIERSKI, 2004, p. 73).

Freston (1994) destaca o ascetismo das primeiras manifestações pentecostais como uma estratégia de “contestação pela resignação” ante a hostilidade do contexto sociocultural em que se inseriam.

[...] eram portadores de uma religião leiga e contracultura, resistentes à erudição teológica e modesta nas aspirações sociais. Acostumados com a marginalização, não possuía preocupação com a ascensão social [...] reagiam com uma religiosidade fervorosa e um tanto anti-intelectual, pois não tinham possibilidades de se defender com as mesmas armas do centro.

[...] em vez da ousadia de conquistadores, tinham uma postura de sofrimento, martírio e marginalização Cultural (FRESTON, 1994.p.78).

Sobre o desenvolvimento do pentecostalismo nas décadas posteriores, Freston (1994) pontua a existência de duas grandes “ondas”, períodos em que o movimento experimentou um significativo crescimento. Após as cinco primeiras décadas da sua instituição no Brasil, uma dessas ondas teria se estabelecido a partir da explosão demográfica das grandes cidades ensejada pela industrialização e pelo êxodo rural. Nestes contextos, as igrejas pentecostais teriam possibilitado ao crente, principalmente entre os mais pobres, um sentimento de pertença.

Ricardo Mariano (2010) denomina essa fase como pentecostalismo neoclássico, no qual não há grandes mudanças doutrinárias no movimento.

Nas décadas mais recentes estudiosos apontam que o movimento pentecostal passa por uma nova fase, revelada no surgimento de igrejas, cuja teologia afasta-se pré-milenarismo, tendo como cerne a teologia da prosperidade. Denominado neopentecostalismo (Mariano, 2010), essa nova face do movimento seria marcada por uma maior liberdade na sujeição às condutas (ascese) e maior ênfase ao consumo. Tal conformação teria sido fomentada por um enfraquecimento do discurso pré-milenarista, estimulando uma mentalidade mais imediatista.

A chave de explicação para os elementos introduzidos com o “neopentecostalismo” (...) deveria ser procurada em seu “eixo escatológico”. Ou seja, o que explica o sectarismo e o ascetismo do pentecostalismo original é seu pré-milenismo, a iminência da segunda vinda de Cristo; as igrejas mais recentes, ao contrário, abandonaram essa expectativa e passaram a se dedicar ao enfrentamento do demônio e a usufruir das benesses do mundo (GIUMBELLI, 2001, p.108).

Observa-se que o enfraquecimento do discurso pré-milenarista e a difusão da ideologia da guerra espiritual possibilitaram o desenvolvimento da “teologia da prosperidade”, cujo ideário prega que o plano de Deus para o cristão é fazê-lo “vitorioso”, feliz e próspero (ALVES, 2000). Tal conotação inverte a premissa dos pentecostais da primeira e da segunda onda, rompendo com a postura supostamente ascética e resignada.

Entretanto, tais tentativas de promover uma tipologia do pentecostalismo, resumindo-o a três vertentes devem ser tomadas apenas em um sentido ideal. Como expressão Cultural, a religiosidade é dinâmica e modifica-se ao ser interpretada e praticada por seus fieis (DUARTE, 2009, p.28).

Hoje, observo entre os entrevistados, todos moradores de bairros considerados periféricos, a adesão a igrejas neoclássicas, com forte crença pré-milenarista e com intenso controle sobre as condutas de seus integrantes. Contudo, percebo traços do neopentecostalismo nessas mesmas denominações, entre elas, alguns aspectos e da teologia da prosperidade. De fato, por toda sua trajetória o pentecostalismo está associado fortemente às camadas populares⁶. Especificamente a respeito da expansão pentecostal entre os mais pobres, autores como Ricardo Mariano (2005, 2008) e Pierucci (2003) analisam que o discurso pentecostal soube adaptar-se e responder aos anseios do segmento social, oferecendo alento material e simbólico

Os altos índices de pobreza, desemprego, desigualdade social, criminalidade, violência, precariedade e informalidade no mercado de trabalho tornam o Brasil terreno extremamente fértil para a prédica pentecostal. Tal contexto socioeconômico, porém, não é o responsável por seu sucesso. A vulnerabilidade e o desespero de grandes contingentes populacionais, em especial das mulheres pobres e mais ainda das negras pobres, vítimas de discriminações de gênero e raça, sem dúvida facilitam seu trabalho e ampliam sua probabilidade de êxito. Mas seu sucesso proselitista não depende da existência de tais problemas em si mesmos, e, sim, justamente de sua elevada capacidade de explorá-los, oferecendo recursos simbólicos e comunitários para seus fieis e potenciais adeptos lidarem com eles (MARIANO, 2008, p.4).

Assim, em toda sua heterogenia, transformações e complexidades, o pentecostalismo ou a mostra-se pujante, modificando todo o campo religioso brasileiro.

2.1 Uma religiosidade ruidosa

Como dito, toda essa explanação teórica, embora importante, não dão conta da complexidade do campo pesquisado. Em São Pedro III, percebe-se toda a diversidade das redes pentecostais. “Adonay”, “Olaria de Deus”, “Semente de Deus na Terra” são

⁶ De acordo com o Censo de 2010, dos 26,2 milhões de evangélicos brasileiros, 17,7 milhões são pentecostais (67%)⁶.

algumas das muitas denominações que encontrei apenas na minha vizinhança. Eram tantas, que chegava a ser difícil contar. Em praticamente todas as Ruas, tais igrejas aludiam a uma “presença constante”.

Inicialmente pontuo dois aspectos: São Pedro é evidentemente religioso. Uma religiosidade que faz questão de se fazer presente. No entanto, tal presença não se apresenta em grandes catedrais, como geralmente são os grandes templos neopentecostais, cujos cultos são transmitidos pela televisão. Ao contrário, em São Pedro, na maioria dos casos, as igrejas se localizam em espaços pequenos, precários, improvisados. Wânia Mesquita (2009) descreve situação semelhante nas favelas de Campos dos Goytacazes:

O pentecostalismo se inscreve nas favelas de Campos dos Goytacazes com forte proeminência de igrejas de caráter autônomo e neopentecostais, especialmente igrejas de pequeno porte, que se estabelecem muitas vezes em edificações antes usadas como espaço de moradia ou espaços de bares e birosacas (MESQUITA, 2009, p219).

O segundo ponto a respeito da religiosidade do bairro é que ela se faz ruidosa. É uma religiosidade cujos rituais, sempre marcados pela intensidade, podem ser ouvidos a significativa distância de seus templos, muitas vezes em alto-falantes. É possível mesmo dizer que as manifestações pentecostais fazem parte da **paisagem sonora** do bairro. Lembro-me que na minha vizinhança mais próxima, havia até uma certa “rotina sonora”. Como muitas casas, era vizinha da uma igreja, Adonay (ver figura).

*“São 19 horas, o momento de ouvir o mesmo hino.. “Derrama, senhor, derrama senhor , derrama seu espírito e amor” .
Percebo agora que decorei os versos ”⁷*

Figura1 : fachada da igreja Adonay



Fonte: arquivo pessoal

⁷ Informação obtida do diário de campo de 15 de janeiro de 2014.

Embora as igrejas estejam presentes na maioria das Ruas, há em São Pedro um circuito pentecostal. De ambos os lados da Avenida Serafim Derenzi, que atravessa o bairro, encontram-se cerca de cinco igrejas. Alguns templos são de grande porte, um dos quais, da Igreja Universal do Reino de Deus. Mas a maioria dos templos é pequena e geralmente pertencente às denominações “clássicas”. (Vide figuras 7,8 e 9)

Aos domingos, ocorre um fenômeno peculiar. Como são igrejas vizinhas e como os cultos de todos os templos da área são realizados praticamente no mesmo horário, os sons se misturam. Hinos vários, os louvores inflamados, as pregações. Acredito que seja possível classificar essa região específica como um **circuito** no sentido de Magnani:

Com relação a *circuito*, trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial; ele é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais. A noção de circuito também designa um uso do espaço e dos equipamentos urbanos – possibilitando, por conseguinte, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos –, porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater à contiguidade, como ocorre na mancha ou no pedaço. Mas ele tem, igualmente, existência objetiva e observável: pode ser identificado, descrito e localizado (MAGNANI, 2002, p. 18).

Tento ilustrar esse circuito apresentando trecho do diário de campo:

“Neste domingo fui convidada por um dos missionários da Herdeiros do Sião. Missionário Mazinho seu nome. Ao me apresentar como pesquisadora, disse-me que estudava Direito, no entanto, tivera que abandonar o curso. Quando cheguei ao endereço, surpreendi-me com a quantidade de denominações próximas umas das outras. Confusa, entrei no templo indicado pelo missionário. Percebi um templo amplo, mas simples. Jovens uniformizados, usando calças jeans cantavam sob acompanhamento de uma bateria e guitarra. Fui muito bem recebida desde o momento em cheguei. No entanto, percebi que era severamente observada, talvez por portar o caderno de campo. Notei também que as pessoas se conheciam. Depois de algum tempo me dei conta que entrara no templo errado. Não era aquela a igreja que Mazinho havia indicado. Constrangida, saí da igreja e encontrei a Assembleia de Deus de Sião, logo ao lado. A igreja, muito menor e mais simples que o templo vizinho, estava vazia. Apenas uma senhora com cerca de 50 anos- negra, imponente, bonita – e um jovem vestido de terno e gravata estavam no local. Apresentei-me à senhora, que também fora receptiva. Após cerca de meia hora, o templo

encheu. Para mim pareceu difícil prestar atenção às pregações iniciais devido ao grande barulho vindo das igrejas próximas”⁸

Ao tentar descrever a diversidade de igrejas e o circuito pentecostal a intenção foi atentar para a complexidade das teias pentecostais no bairro. Destaco novamente que a maioria das igrejas do bairro é pequena e formada por um reduzido número de integrantes. Sobre esse assunto, Mesquita (2012) pontua:

Os laços de parentesco, vizinhança, amizade e conhecimento concebidos como rede proximal se associam à rede de relações religiosas nas favelas, constituindo canais de fluxos de recursos materiais e simbólicos. Certamente, os vários os fatores imbricados nesse processo de construção de redes de amparo entre os pentecostais. As estratégias disponíveis estão associadas a determinadas condições e contextos espaço temporais. Há ausência e precariedade de um conjunto de funções de proteção social por parte do Estado: infraestrutura pública (habitação, saneamento, transporte, atendimento de saúde, creches) e políticas de formação escolar, qualificação e inserção profissional eficazes. Desse modo, muitos encontram os suportes sociais na adesão às igrejas, que visam a sua incorporação social pela via religiosa e em proximidade com membros de grupos denominacionais, moralizando comportamentos, partilhando informações, trocas e recibos de recursos. (MESQUITA, 2012, p. 225-226)

Tais redes religiosas e suas estratégias de amparo são um tema extremamente complexo e obviamente não serão esgotados neste texto. No entanto, a trajetória de pesquisa, os dias de campo e os depoimentos colhidos permitem algumas observações. Argumento aqui que o sentido de pertencimento nessas pequenas comunidades pentecostais revela uma tensão peculiar entre acepções **hierárquicas e individualistas** (DUMONT, 1985) Para Dumont, no individualismo o sujeito é concebido enquanto valor em si mesmo possibilitando uma unidade inteligível do todo social, nos contextos hierárquicos, a parte só adquire sentido quando relacionada ao conjunto. Tal “sentido” é permeado pela ideia de “valor”, que seria o elemento classificador e diferenciador. Assim, , pode-se falar em “pessoa”, cuja concepção será sempre relativizada diante do valor que a qualifica, ligando a pessoa à identidade social.

⁸ Informação obtida no diário de campo de 14 de dezembro de 2013.

Sobre o sentido hierárquico das pequenas comunidades pentecostais, volto-me para própria forma de organização dessas denominações. As congregações são formadas por um pastor responsável pela gerência da igreja, este, subordinado a outro pastor, que supervisiona as demais igrejas instaladas em determinada área. Há também os missionários, que embora não tenham o status de pastor, atuam de forma semelhante, inclusive ministrando pregações. Os demais são chamados “obreiros”, responsáveis pelas outras funções organizativas.

Surpreendentemente, mesmo os cultos estando sempre lotados, são poucos os que realmente recebem os status de integrantes da igreja. A maior parte dos participantes dos cultos é chamada “visitante”, justamente por não possuir o vínculo formal.

A adesão oficial à igreja se faz por meio do “batismo pelas águas”, quando o fiel confirma a intenção em aderir à denominação. Repetindo uma frase ouvida muitas vezes pelos pesquisados, o batismo pelas águas é o momento em que o crente manifesta publicamente que “aceitou Jesus”. Entre muitos entrevistados, o caminho à adesão foi semelhante. Inicialmente, frequentavam a igreja como visitantes e após sentirem o “chamado de Deus”, optaram pelo batismo. Ao se inserirem oficialmente na igreja, recebem funções e orientações sobre a conduta a ser exercida. Para garantir o cumprimento das “doutrinas”, tais condutas são constantemente vigiadas, existindo punições àqueles que por ventura as infringirem. Estas punições são tanto mais severas quanto mais altos forem os “cargos” exercidos.

“Se a gente ficar sabendo de alguma falha, primeiro a gente conversa, dependendo do que for, tem uma disciplina. Por exemplo, não pode participar dos louvores ou da santa ceia. Depende do cargo. Se for um missionário a disciplina é maior do que pra um obreiro” (Informação Verbal)⁹

Ponto que ao ser batizado, o novo crente inicia um processo “reconfiguração” de sua “identidade” (Mariz, 2006), que passa a ser associada intrinsecamente à igreja a qual professa. Percebo nessa associação da “identidade reelaborada” à igreja, um forte caráter hierárquico. O depoimento pastor Vagner, é esclarecedor:

A doutrina é da igreja. Tá na Bíblia, mas cada igreja tem sua doutrina. Quando você é batizado escolhe aquele caminho. Aí

⁹ Entrevista com Pastor Vagner, Assembleia de Deus, realizada em outubro de 2013

tem que seguir direito porque todo mundo vai saber de que igreja você é, entende?”¹⁰(Informação Verbal) 66.

Contudo, tal caráter hierárquico não é absoluto. Acredito que a vivência da pentecostalidade em pequenas comunidades revela, de fato, uma tensão entre hierarquia e individualismo. Tal ambivalência pode ser observada na própria manifestação do Espírito Santo, chamado de “batismo pelo fogo” pelos fieis. Digo isso porque pela teologia pentecostal, a experiência com dons do espírito são acessíveis a todos, não apenas aos que são oficialmente membros. Por outro lado, a manifestação dos dons não ocorre para todos, apenas aos escolhidos por Deus naquele determinado momento. E o fato de alguém receber os dons do espírito obviamente revela sua importância perante a comunidade. Desta forma, a manifestação do Espírito Santo, paradoxalmente, iguala e difere, revelando assim, um duplo valor, que é, ao mesmo tempo, individualista e hierárquico:

O Espírito Santo, no derramamento de dons e em seu batismo, não faria acepção de lugar, hora, sexo, grau de instrução da pessoa (ROLIM, 1985, 207). Numa palavra, seria democrático, valorizando qualquer lugar, por mais pobre que seja, e qualquer pessoa, por simples que seja, para realizar seu batismo e derramar seus dons. [...] Os crentes, por mais que possa haver hierarquias na constituição da igreja, são iguais quanto aos direitos de produção e usufruto dos bens religiosos (ROLIM, 1976, p. 17), pois esta igualdade lhes advém não de cargos eclesiásticos, mas do Espírito Santo que atuaria como e onde quer.[...] Se por um lado os dons socializam o poder, fazendo que todos tenham acesso a dons e exerçam, assim, multifacetadas atividades na igreja, por outro lado há dons e dons, uns são maiores que os outros e, quem recebe os maiores também se torna maior[...]O Espírito Santo não estaria somente *com* o crente. Ele estaria *no* crente, unido a ele (GOMES, 1982, p. 27). O batismo no Espírito Santo, por exemplo, faria com que o fiel sentisse extratos psico-físicos até então desconhecidos, ampliaria as partes sensoriais de seus órgãos vitais . [...]Portanto, o crente se tornaria uma pessoa especial também porque carregaria *em si* uma diferença essencial dos demais, já que ele seria o veículo da manifestação do Espírito.(PORTELLA, 2012, p. 8-9).

¹⁰ idem

2.2 O culto pentecostal.

Participar de um culto pentecostal é vivenciar de uma impressionante experiência coletiva. Para esta pesquisa, participei de três cultos dominicais e de uma “campanha de libertação”⁶⁷, ou seja, celebrações semanais realizadas durante sete semanas seguidas. Optei por inserir-me nos rituais de apenas uma igreja, a Herdeiros do Sião, também localizada na Rodovia Serafim Derenzi. Acredito que essa estratégia revelou-se positiva por ter possibilitado uma significativa proximidade com os fieis.

Como muitas igrejas do bairro, a Herdeiros do Sião possui poucos integrantes. Pude contar cerca de dez. No entanto, em todos os cultos em que participei, a igreja esteve lotada. Como dito, a maioria era formada por “visitantes”; estes, visíveis principalmente pela vestimenta. Usavam roupas simples, algumas mulheres usavam shorts e muitos homens, bermudas. Os membros efetivos, ao contrário, trajavam roupas típicas pentecostais: os homens de calça e camisa de alfaiataria, e as mulheres, saias longas.

“As pessoas são muito pobres e isso se nota pelo modo de falar, pela simplicidade das roupas, pela ausência de alguns dentes. Percebi também que as suas “provações” se assemelhavam. As tensões familiares, os problemas com os filhos- alguns presos ou que entraram para o “caminho da perdição e das drogas”- eram alguns dos clamores explicitados publicamente durante as celebrações”¹¹.

Figura 2: Fachada da Igreja Herdeiros do Sião:



Por ter formação católica e algum conhecimento dos rituais da umbanda- ambas as manifestações com estrutura hierárquica bem definida- me surpreendi com a “informalidade” do culto. Todos podiam se manifestar, e o faziam por meio de “exaltações orais”, chamadas de louvores. Também revelavam detalhes da trajetória

¹¹ Informação obtida no diário de campo realizado em 16 de janeiro de 2014.

pessoal, o que é chamado de “testemunho”. A música tem um papel importante. Cada “louvor” é acompanhado por um hino, cantado com muita exaltação pelo fiel.

“Uma a uma, as pessoas se dirigiam para frente da igreja. Sempre cantavam uma música e pareciam não se importar com a afinação. Aliás, embora se manifestassem para todos os presentes, a participação de cada um tinha um tom pessoal. Com os olhos fechados, comentavam sobre suas “provações” e, ao mesmo tempo, utilizavam de exclamações como: “repreende toda amarração, Senhor”. ‘A benção vai chegar’”

A exaltação, os gritos e os cânticos são estimulados e entram em um movimento crescente. A cada momento, mais e mais ruidosos. A certa altura, percebo que o louvor individual torna-se coletivo, como uma oração conjunta. Alguns choram, muitos gritam ao clamar a Deus, outros se debatem. Uma conformação que se aproxima da noção *communitas* (TURNER, 1986), que pode ser explicado como o momento do ritual de passagem em que há um forte sentido de integração. Nos dizeres de Turner, *communitas* revela “Um senso de harmonia como universo se evidencia e o planeta inteiro é sentido como uma *communitas*” (TURNER 1986, p.43)

Essa profusão coletiva é o momento do avivamento, no qual ocorrem as manifestações do espírito. Percebi que tais sinais são basicamente corporais. As pessoas se debatem, pulam, caem no chão, dançam em passos ritmados. Algumas manifestam a glossolalia, murmurando frases a esmo ou dirigidas a algum dos presentes.

Eu, que já havia participado dos rituais umbandistas, confesso que fiquei bastante impressionada. Na primeira vez, ironicamente, talvez por tentar manter certa racionalidade, me lembrei de Nietzsche (2005)¹²

“A despeito de Nietzsche e de todas as normas de conduta impostas por essa forma de religiosidade, o Deus pentecostal, não apenas dança, mas também pula, canta e chora”

Assim, percebi um caráter alegre e, sobretudo, emocional, do ritual pentecostal. Não posso deixar de lembrar-se da expressão “emoção do consolo”, cunhada por Corten:

¹² “Eu só poderia crer num Deus que soubesse dançar. E quando vi o meu demônio, pareceu-me sério, grave, profundo e solene: era o espírito do pesadelo. Por ele caem todas as coisas” (NIETZSCHE, 2005)

O indivíduo de passagem encontra-se preso no gesto de uma multidão. Ele se sente incluído em pé de igualdade numa atividade que não é mais a luta pura e simples pela sobrevivência material cotidiana. Chamamos “consolo” à emoção que ele sente. O indivíduo é consolado pelo discurso de prece sobre a forma de queixa ou lamentação. Ele não está mais frente ao problema dele, mas o seu sofrimento é carregado secularmente pelos salmos da Bíblia, ele se funde nessa queixa dos pobres que não aguentam mais e eleva-se a Deus; o indivíduo é transfigurado como às vezes mostra o rosto torturado e luminoso dos participantes (CORTEN, 1996, p.76).

No entanto, devo pontuar que esse “consolo”, ao contrário do descrito por Corten, não possui um tom de passividade. Se são as queixas por suas provações que iniciam o ritual de avivamento, devo dizer, por outro lado, que não há um sentido de resignação nos clamores. O crente tem certeza de sua aliança com Deus, que, mais cedo ou mais tarde, irá cumprir sua promessa. O êxtase e a presença física do espírito, compartilhado por outros que também conhecem ou dividem seus problemas, talvez sejam a maior expressão dessa “vitória”. Talvez seja nessa manifestação coletivados dons do espírito que resida à **eficácia simbólica** (Lévi-Strauss, 1978) das manifestações pentecostais. Nas palavras de Mariz, “é o poder que fortalece a dignidade do fraco” (Mariz, 1995, p. 206).

O contato com os integrantes da Herdeiros do Sião foi progressivo. A cada celebração compreendia mais fatos dos rituais, bem como estreitava os laços com os fieis. Todos foram muitos atenciosos e receptivos. Posso interpretar tal postura como uma atitude proselitista, o que de fato ficou evidente em muitas ocasiões. Havia muita sinceridade nas minhas conversas com os irmãos de congregação. Contavam, com muita facilidade, sobre seus problemas, principalmente àqueles relacionados aos filhos, atitude que interpretei como uma espécie de desabafo.

Destaco que durante o meu tempo de convívio na igreja passei também a ser conhecida e reconhecida (Geertz, 1978.). Referiam-se a mim como “a moça do estudo”. Em uma das ocasiões, um dos pregadores dissera ter tido uma “revelação” comigo. Revelação é uma profecia. O crente, sob o contato com o Espírito Santo, receberia o poder de dizer sobre o presente, passado e o futuro.

Lembro-me que, sentada ao fundo da igreja, anotando as observações, fui interpelada pelo pastor. “Ei, você de rosa, você, moça. Vejo que está indecisa, não sabe que caminho seguir, Jesus tá dizendo, siga o que é correto, você ainda vai fazer grandes feitos”. Em que se pese a estratégia de adesão, percebi que a “revelação” é também é uma forma de integração à comunidade religiosa.

Outro ponto que destaco é que os discursos da igreja têm um forte tom milenarista. Em muitos momentos das pregações, tanto dos missionários quanto dos demais membros, a proximidade da vinda de Jesus era destacada, como um tom de aviso. “A porta é estreita”. “Muitos vão querer entrar, mas poucos são os escolhidos” eram algumas das frases ouvidas.

Em uma das minhas últimas incursões nas celebrações da igreja, acreditei que, devido ao tempo de convívio e pela confiança conquistada, poderia participar de uma espécie de bênção concedida por aqueles que manifestam os dons do espírito aos demais integrantes. Geralmente realizada ao final do culto, a bênção tem elementos dramáticos. Na maioria das ocasiões, o crente toca a cabeça do outro fiel e profere algumas palavras. As reações lembram uma descarga elétrica. Muitos caem no chão, se debatem e choram no momento.

Entrei em uma pequena fila para receber a bênção de uma das obreiras. Ao ser tocada na cabeça, lembro-me que gradualmente comecei a sentir vertigem, as palavras ditas por ela foram perdendo o sentido e percebi meu corpo pender para trás, no que fui amparada por outra integrante. Foi muito rápido. Neste momento, outro pegador disse que havia um “espírito da morte sobre mim”. Perguntou se eu aceitava Jesus. Trêmula, confusa e tentando racionalizar sobre o acontecido, respondi afirmativamente. Neste instante, a outra obreira me abraçou e me pediu que quando acabasse meu “estudo deveria procurar uma igreja”.

Ainda trêmula e tonta, saí do templo e, ao chegar à minha casa, descrevi a experiência no diário de campo da seguinte forma:

“Naquele momento, acreditei que finalmente compreendia o conceito de eficácia simbólica. Mas devo ser sincera comigo e com as pessoas com quem estive na igreja. Existem experiências para as quais não há conceitos que as expliquem [...] Sinto vontade de tomar uma taça de vinho, mas não sei se é adequado”⁷².

É óbvio que o trecho acima foi escrito no calor do acontecimento. Na verdade, acredito que o conceito de eficácia simbólica pode lançar luzes em muitos pontos da experiência. Penso que os cantos, a exaltação coletiva, a sugestão são pontos que contribuem para “se passar da realidade mais banal ao mito” (LEVI-STRAUS, 1975, p.223). No entanto, ao sugerir o conceito de eficácia simbólica, não quero minimizar a força da experiência. É uma sensação física, corporal e, no entanto, não palpável. Assim, gostaria, de pontuar o quanto essa forma de religiosidade tem de força simbólica e material.

3.0 Considerações finais

Neste trabalho, ao apresentar a tentativa de etnografia dos cultos da igreja pentecostal Herdeiros do Sião destaco que observei um caráter profundamente emocional e sensorial dos rituais de avivamento.

Ponto também a proximidade das relações sociais travadas entre os integrantes da igreja. Assim, reitero que em tal contexto ocorre uma relação peculiar entre valores hierárquicos e individualistas. Os valores hierárquicos revelam-se na associação da identidade do fiel à religião que professa, além do controle social sobre as condutas exigidas.

Sobre os valores individualistas observa-se uma peculiar ambivalência relacionada à manifestação do Espírito Santo que, ao mesmo tempo iguala, já que todos estão suscetíveis a receber os dons do espírito, ao mesmo tempo, difere, já que a manifestação do espírito, mesmo sendo acessível a todos, só ocorre para alguns. Ao final, me atrevo a reiterar: por seus rituais e por suas experiências, a pentecostalidade se afirma como uma poderosa presença da transcendência na vida cotidiana daquele que, de alguma forma, a pratica.

Referências:

DUMONT, Louis. **O Individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1985.

ALBANO, Fernando. **Dualismo corpo/alma na teologia pentecostal.** In: POMMERENING, Claiton Ivan. Azusa: revista de estudos pentecostais. Joinville: Refidim, 2010. v. 1, n. 1

BIBLIA SAGRADA ONLINE. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br>>. Acesso em: 23 outubro 2014.

CORTEN, André. **Os Pobres e o Espírito Santo.** Petrópolis: Vozes, 1996.

FRESTON, Paul. **Breve história do pentecostalismo.** In: ANTONIAZZI, Alberto. Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978

GIUMBELLI, Emerson. **O Fim da Religião. Dilemas da Liberdade Religiosa no Brasil e na França.** São Paulo, Attar Editorial/CNPq/Pronex, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro:** notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Sociologia. v. 17, n. 49. São Paulo, 2002.

_____. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal.** Estudos avançados, vol.18, n.52, pp. 121-138, 2004.

_____. **O Pentecostalismo no Brasil, cem anos depois.** Uma religião dos pobres. (entrevista). IHU on-line., 17.05. 2010. Disponível em http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3206&secao=329. Acesso em 04 de maio de 2014.

_____. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília Loreto. **Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil.** Entrevista. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view. Acesso em 04 de maio de 2014

_____. 1996. **Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil.** In: CAMPOS; GUTIERREZ, p. 175.

MARIZ, Cecília Loreto. **Pentecostalismo e a luta contra a pobreza no Brasil.** Entrevista. Disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view. Acesso em 04 de maio de 2014

MESQUITA, Wania. **Os pentecostais e a vida em favela no Rio de Janeiro: a batalha espiritual na ordem violenta na periferia de Campos dos Goytacazes.** Estudos de Religião, v. 23, n. 37, p. 89-103, 2009

ORO, Ivo Pedro. **O Outro é o Demônio: Uma análise sociológica do fundamentalismo.** São Paulo: Ed. Paulus, 1996.

POMMERENING, Claiton Ivan. **A relação entre a oralidade e a escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades.** 2008. 120 f. Dissertação (Mestrado) _ Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

PORTELLA, Rodrigo. **Pentecostalismo clássico e valores de autonomia: Sobre O poder simbólico Das representações pentecostais.** REVISTA DE TEOLOGIA (Revele Téo). ISSN 2177-952x, v. 6, n. 10, p. p. 03-15, 2012

SIEPIERSKI, Paulo. **Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro.** In: GUERRIERO, Silas (org.). *O Estudo das religiões: desafios contemporâneos.* 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 71-88